

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SHERLOCK HOLMES NO PORTO. CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA PARA A HISTÓRIA DO ROMANCE POLICIAL CIENTÍFICO.

PINA, Luís de

Ano: 1961 | Número: 71

Como citar este documento:

PINA, Luís de, Sherlock Holmes no Porto. Contribuição portuguesa para a história do romance policial científico. *Revista de Guimarães*, 71 (1-2) Jan.-Jun. 1961, p. 65-107

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Sherlock Holmes no Porto

Contribuição portuguesa para a história do romance policial científico (*)

Pelo Prof. Dr. LUÍS DE PINA

Catedrático da Fac. de Medicina da Univ. do Porto

Poderá a muitos parecer estranho o título dado a esta palestra, não referentemente à sua segunda parte, mas à outra, essa que anuncia

Sherlock Holmes no Porto.

A estranheza será tanto maior quanto é certo que esta personagem, apresentada pelo eminente médico Conan Doyle, em 1886, para o seu primeiro conto *A study of Scarlet*, nunca existiu na realidade (1).

Não passou de criatura imaginada pelo ilustre contista, mas tão bem *realizada* ou *humanizada* — como o *Dr. Fausto* de Goethe, o *D. Quixote* de Cervantes ou o *Conselheiro Acácio* de Eça de Queiroz, que de todo o mundo chegavam à casa de Doyle ou à Direcção da Polícia de Londres cartas e missivas endereçadas ao famosíssimo *detective* Sherlock Holmes, entre as quais não faltavam, mesmo, ofertas de casamento.

Pode, pois, perguntar-se: — como é que esteve «materialmente» no Porto um ser fictício como Sherlock Holmes? E mais pode inquirir-se: — existe da pena de Conan Doyle algum conto, novela ou romance passado nesta cidade, tão querida dos Ingleses e com tanta história britânica?

Não, senhor. Não tendo jamais existido uma pessoa com o nome de Sherlock Holmes, também não

(*) Conferência realizada no Instituto Britânico (Associação Luso-Britânica do Porto), em 29 de Novembro de 1960.

poderia o Porto ter visto tal pessoa ou ela ter estado aqui; e Conan Doyle jamais teria escrito qualquer coisa sobre o Porto e menos ainda localizar nesta cidade qualquer das aventuras do seu polícia!

Quem em 1912 — já lá vai quase meio século — escreveu, em jornal portuense chamado *Mundo Ilustrado* e em seu volume 1.º, um conto com o título *Sherlock Holmes no Porto*, foi também um ilustre médico, formado na nossa Escola Médico-Cirúrgica em 1907, onde concluiu o curso com uma brilhantíssima dissertação que o juri classificou com 20 valores.

«Quem trouxe ao Porto», nesse ano de 1912, o famoso e imaginário detective Sherlock Holmes foi esse distinto médico que era natural de Guimarães, e primoroso poeta e notável imitador da prosa e do verso de Gil Vicente ou Antero, de Camilo ou de Eça, como se pode ver e admirar em impressionantes «pastiches» do ano de 1911. (2)

A «vinda» de Sherlock à nossa cidade serviu ao curioso escritor, então já Professor da Faculdade de Medicina, Mestre de Medicina Legal e Director da Morgue (3), para o fazer «intervir» num tenebroso crime cujo mistério a todos assombrou e para, com a sagacidade do engenho desse arguto britânico, compor o melhor de um outro conto, com cena decorrente no Porto, que intitolou *O truc de Mr. Raymond*.

Pois será tema da nossa conversa de hoje nada menos que a análise do conto do Prof. João de Meira, *Sherlock Holmes no Porto*, com o sub-título *Um cadáver que se evade*.

João de Meira, que era um dos mais brilhantes e ativos membros da nossa Escola Médica, e que, além de escrever e publicar em Portugal e no estrangeiro, fazia falar de Portugueses e contactar com portugueses — imaginariamente, claro — algumas figuras notáveis do mundo literário, histórico e científico, mortos ou vivos — Zola, Eça, Camilo, Antero, António Nobre, Sampaio Bruno, Teófilo, o Rei D. Dinis, Rabelais, Fernão Lopes, Camões, Padre António Vieira, Camilo, Fialho e outros.

Parte dessas belas peças literárias que fazia sair da pena de algumas de tais personagens eram de elogio àquele illustre Historiador de Medicina, que foi seu Mestre e muito admirava, Maximiano de Lemos, cujo Centenário do nascimento vai comemorar-se dentro de dias, nesta cidade. (4)

Já antes um ano escrevera um curioso *pastiche* ou imitação de Conan Doyle, assinado mesmo com este nome e sob idêntico título. Passo a ler-vos esse primeiro projecto de

Sherlock Holmes no Porto

«— Watson, disse-me Sherlock Holmes mal nos sentamos no eléctrico de Paranhos, vê aquele sujito gordo, que vai naquele canto? É a primeira vez que o avisto mas já lhe posso dizer que é médico militar, professor da Escola Médica, casado, não tem filhos e mora em Vila Nova de Gaia.

Perguntei a Sherlock Holmes em que fundava essas extraordinárias revelações. Ele explicou sem se fazer rogado, sorrindo e enchendo de tabaco da Virgínia o seu magnífico cachimbo de espuma e âmbar:

— É muito simples, é quanto há de mais fácil. Não viu aquele sargento que passou para a plataforma fazer-lhe a continência e aquele quintanista de medicina cumprimentá-lo, ao entrar, com todas as atenções? Daí concluo que é militar e professor na Escola Médica, e como não é natural que seja a um tempo tenente-coronel ou major e lente de medicina, convenço-me de que é médico militar.

E Sherlock Holmes, gozando a minha admiração, tirava grandes fumaças do seu cachimbo de espuma e âmbar. Depois continuou:

— Mora em Vila Nova de Gaia porque quando abriu a carteira para pagar a passagem, lhe vi um passe que não é válido nestas linhas, senão dispensava-se de pagar aqui. Logo esse passe é da linha de Gaia. É casado porque traz no dedo a aliança de ouro; e não tem filhos porque entregou um tostão ao condutor para pagar bilhete de pataco e recusou o troco.

— São de verdade admiráveis as suas deduções, exclamei.

— Então que diria você, Watson, acrescentou Sherlock Holmes, se lhe contasse que o homem se chama Maximiano Lemos, é escritor, e se ocupa da história da medicina?

— Diria, mestre, que essa seria a prova suprema do seu método famoso.

Pois Watson, é escritor, como o mostram o polegar e o index direitos manchados de tinta. E vê você aqueles quatro volumes que todos dizem na lombada *Ribeiro Sanches por Maximiano Lemos*? Eles provam que o individuo que os conduz é o autor, que os vai ofertar a alguns amigos, pois outra pessoa não traria na mão quatro exemplares da mesma obra. De resto nos botões de punhos

vê-se um M e um L entrelaçados. E sendo o livro sobre um médico antigo o autor ocupa-se de história da medicina. E aí tem, Watson, concluiu Sherlock Holmes enchendo novamente o seu cachimbo.

Então levantei-me e dirigindo-me ao homem gordo disse-lhe:
— O cavalheiro faz o favor de dizer-me como se chama?

— Manuel Luís.

A sua profissão?

— Caixeiro de livraria.

— Mora em Gaia?

— Não, moro em Rio Tinto.

É casado, certamente?

— Sou viuvo.

— Tem filhos?

— Tenho quatro.

— E assim desperdiça dinheiro em gorjetas aos condutores dos eléctricos?

— Perdão, eu não desperdiço nada. Mandei o condutor ficar com 60 reis, que lhe devia por não ter troco um dia destes.

— Conhece aquele quintanista que vinha aqui defronte?

— Conheço. Deve bastante dinheiro lá na livraria.

— E aquele sargento que lhe fez a continência?

— Não conheço, mas conhece-me ele que sou alferes da reserva.

Olhei paro o lado. Sherlock Holmes tinha desaparecido.

CONAN DOYLE

Como acabais de ouvir, não escasseia finíssimo tom satírico neste trecho do Prof. João de Meira, escrito em 1911, tão excelentemente conciso, como expressivamente crítico!

*

Parece-nos tempo de referir que o mesmo Prof. João de Meira, autor destas interessantes páginas literárias, foi, era e seria ainda, infelizmente por pouco mais de um ano, severo, imparcial e arguto historiador, quer da vida política geral, quer da Medicina.

Arrebatou-o a morte poucos meses depois de haver sido nomeado professor de História de Medicina na minha Faculdade, morte que ocorreu em 25 de Setembro de 1913. Sucederia assim, a Maximiano de Lemos, em cátedra própria, que não chegou a ocupar.

Vinte e três anos depois concorriamos nós a esta mesma Cadeira, em que trabalhamos sob o influxo dessas grandes figuras, que foram nossos antecessores, (5)

Não seja estranho, pois, que, como historiador da Medicina e Director de um Instituto de Criminologia, venhamos falar-vos do tema que, de certo, vos há-de ter especialmente impressionado.

Pretendíamos, com nossa palestra, evocar esta esquecida figura médica de 1912 e, sobretudo, contribuir para que se preencha uma lacuna na História do romance policial, particularmente do que é escrito em moldes racionais ou dedutivos, a que é de uso chamar científicos.

*

Com razão alguém chamou à *Imaginação* a doida da casa. Pascal denominou-a «une maîtresse d'erreur et de fausseté» e Malebranche «la folle qui fait la folle». Como exprime Montagné, nestas palavras que traduzimos:

«Entregue ao seu dinamismo indomado, sem guia nem vigilância, a imaginação, na verdade, gera e nutre ilusões e cega facilmente e perigosamente os que a escutam sem reagir.

Mas para quem sabe carrilar e conter os seus ímpetos, ela é semeadora fecunda de esperanças, fonte viva de ideal, em cuja contemplação se esquecem os choques do Presente e ganha coragem para as lutas de amanhã.» (6)

Montagné recorda o que outrem também afirmou: «a mais bela vida é um sonho da mocidade realizado na idade madura» (la plus belle vie est un rêve de jeunesse réalisé dans l'âge mûr).

Não pode negar-se, certamente, o extraordinário valor da imaginação na criação de mundos e vidas que na realidade se não vivem. Chamá-riamos a tal propriedade imaginação *consoladora*.

A Psicologia conhece sobejamente os fenómenos de correlação do mundo imaginário e do real, de modo particular aquilo que Fink e outros, como Guerrero, deduzem ao afirmar que não penetram num mundo imaginário senão «através de um suporte real». (7)

O objecto real, «que permite a descoberta de uma imagem, é o marco da janela que recorta a paisagem exterior».

Em outro ponto, Guerrero (8) recorda: «podemos ler o *Quixote* muitas vezes na vida, desde a adolescência até à velhice e possivelmente em cada oportunidade a sua imagem será distinta. De cada lugar distinto da nossa vida abre-se uma janela que nos norteará ao cavaleiro andante, sempre o mesmo, contudo, através de todas as imagens.

Dizemos então que a frontaria é uma janela aberta para um mundo imaginário».

Por outro lado, e ainda com muita precisão, o mesmo psicólogo escreveu:

«A imaginação é sempre criadora porque alcança — com materiais frequentemente muito gastos — produções originais. Assim a pálida claridade da lua terá sido o tema de inumeráveis músicos e poetas — alguns bons e muitos maus — mas não se construirá sobre ela a *última imagem* enquanto houver na terra um ser dotado de imaginação».

Não menor verdade é, porém, que a Patologia pode entrar no campo da imaginação — ou vice-versa, desde certos estados de *rêverie* mórbida a graves fenómenos de mitomania e, infelizmente, aos amplos, espectaculares delírios, chamados de imaginação, ou, em alguns casos particulares, à *pseudologia fantástica* e outros estados ou reacções agudas e crónicas que Dupré, Magnan, Sutter, Ey e tantos outros têm estudado com especial atenção.

A História da Literatura e da Arte, em todas as épocas e em variadas formas, revela-nos inúmeros casos de imaginação normal criadora e de Patologia imaginativa.

Todavia, temos de diferenciá-los convenientemente. Se a imaginação normal é a fonte de coisas novas, permanentemente irreais ou realizáveis em benefício material e espiritual da própria Humanidade, quando afectada de morbidez só poderá originar produtos anómalos. Diz Porot, psiquiatra de nossos tempos: «O imaginativo exprime ideias, expõe histórias, emite afirmações nascidas no seu espírito e cuja realidade, fora de toda a experiência e de todo o raciocínio, ele imediatamente crê».

Neste caso, o mesmo psiquiatra elucida que todos os tipos megalomaniacos (inventores, profetas, reformadores) são muita vez de base imaginativa.

O perigo está em que pode haver contágio de tais delírios de imaginação em determinadas colectividades. Daí que certos exaltados imaginativos podem arrastar «consigno grupos crédulos e sugestionáveis e criar importantes movimentos sociais e políticos». (9)

Por isso em recente obra de Armand-Jean Cauliez, àcerca do filme policial (10), se expõem algumas judiciosas considerações sobre a influência do romance ou do filme policial no espectador ou no leitor, no ponto de vista ético.

A fuga ou evasão da vida real é uma das razões de tais géneros de linguagem e do enorme apreço, com que são acolhidos.

Umaz vezes, eles exprimem conflitos e estados afectivos e instintivos, frequentemente patológicos, dos próprios autores, fenómeno que estaria no profundo e amplo capítulo da psicanálise, visto que a obra literária, como diz Filloux, é um «excelente teste projectivo». (11)

Outras vezes, estas condições fenomenológicas revelam a o leitor ou espectador no entusiasmo que concede a tais obras.

Razão daríamos a Baudoin quando diz, que a função literária é análoga à função do sonho; «afirma» o carácter compensador da obra literária, considera-a «como um campo de libertação para certas tendências, pondo-a em relação com as dominantes do inconsciente». (12)

Seria interessante, se houvesse tempo, correlacionar e distinguir a imaginação criadora de arte, de beleza e de ciência e a projecção inconsciente dos conflitos, complexos e instintos dos seus autores.

Lembremos, apenas, que, não podendo negar-se essa projecção, é também evidente que nem tudo o que se projecta é mau ou indesejável.

Por isso não estamos totalmente com o celebrado e discutido psicólogo Szondi quando, referindo-se ao *inconsciente familiar* e impulsos familiares recalçados, que estariam na base da sua *análise do Destino*, apresenta a arte de escrever, a invenção, a descoberta e o humanismo espiritualista e criador como sublimação de tendências esquizofrénicas paranóides, expressas por neces-

sidade de dilatação do Eu, ao que chama *Egodiástole*, própria do *Eu espiritual*.⁽¹³⁾

Enfim, como nos explica Zaragüeta, um dos grandes teólogos e filósofos contemporâneos, a imaginação dispõe, além de outras possibilidades, da invenção de factos com ou sem consciência de que o são.⁽¹⁴⁾

Os autores de romances policiais empregam na sua elaboração a opulência imaginativa de que são capazes e de cujo irrealismo ou falsidade têm plena consciência.

Conan Doyle, amigo de Bernard Shaw, foi um desses seres extraordinariamente dotados de uma imaginação criadora notável, que se revelou ou assinalou em inúmeras páginas, do género histórico ao crítico, ao teatral ou ao espírita, onde resvalou amplamente nos últimos anos da sua vida, tal como entre nós o insigníssimo poeta Fernando Pessoa.

Não duvidamos que o problema da criação literária seja mais alguma coisa do que mera recreação imaginativa, sem sentido, intencionalidade ou objectividade. Outros factores estarão na base ou no fundo dessa inquieta, indomável necessidade anímica e auto-aquietadora ou auto-tranquilizante de exprimir mecanismos afectivo-intelectivos:— outros factores haverá, que por agora não nos propomos considerar, na génese da criação de obras literárias que espantaram, seduziram e conduziram o mundo em que se movimentam personagens inconfundíveis, de vida impressionantemente real.

E quanta vez o próprio criador as sente como vivas, ora aprazíveis, ora molestas, assazmente molestas.

Sabe-se que Conan Doyle chegou a não poder suportar a «existência» desse famoso «ser» que «criara» sob a forma de um detective habilíssimo e invencível, pelo que resolve desfazer-se dele, suprimi-lo, matá-lo.

Mas logo que a «morte» de Sherlock Holmes foi conhecida, os protestos surgiram de todos os lados e de todos os lados as recriminações.

A própria mãe do autor invectiva-o, fora de si, e clama: «Não o matarás. Não podes matá-lo, não deves matá-lo».

Ficará para outra monção a explicação possível deste fenómeno, que não deve estar longe dos dispositivos ou mecanismos psicanalíticos de «defesa do Eu», expostos por alguns psicólogos. Como aventamos, outros factores afectivos estariam na base e no fundo dessa inquieta, indomável necessidade aquietadora e inconsciente do espírito, factores esses que por agora não podemos enunciar, embora não falthem estudos curiosos a tal propósito, tais os do patriarca Freud, de Rank, de M. Bonaparte, de Baudoin, Filloux, Bachelard e tantos mais.

Todavia, roçaremos mais adiante o assunto, em certos de seus pontos essenciaes à nossa exposição.

Da época romântica ao positivismo e experimentalismo da segunda metade do século XIX, a Literatura, como é bem sabido, sentiu o influxo das doutrinas e sistemas sociais, políticos e científicos que marcaram tais períodos.

Era a reacção ou, melhor, revolta, se não quisermos dizer «luteranismo literário», perante aquilo que muito claramente sintetiza o Prof. Feliciano Ramos, a tendência, confessada ou tácita, para a sujeição a um «formulario romântico», em que as excentricidades da imaginação, numa legião de frases estereotipadas, de índole sombria e a sentimentalidade mórbida, eram moda estética obrigatória. (15)

Em concordância com o espírito da mensagem romântica, que era um esforço livre de aproximação da vida, só o regresso ao *real* e ao *natural* conseguiria restituir a vida à arte.

Assim nasceu o Realismo e o Naturalismo, que se integraram na senda da primitiva liberdade na arte, e reagiram contra as limitações do formalismo ultraromântico.

Como já tivemos ocasião de referir, aludem este e os demais historiadores da Literatura à influência do progresso das Ciências e de certos rumos da Filosofia. Os meados do século XIX apontam-nos, entre outros, alguns cientistas influentíssimos na vida intelectual e até moral do Homem, tais um Pasteur, um Berthelot, Claude Bernard, Comte ou Rudolfo Virchow.

Da influência da Cultura científica na Literatura, de que também dá sumário quadro o Prof. Prado Coelho, (16)

falámos nós, não há muito e referentemente a médicos, lembrando, entre os Portugueses, um Fialho ou um Júlio Dantas, um Júlio Dinis ou Araújo Correia, Namora, Torga ou Manuel Laranjeira (17).

Em França o Prof. de Psiquiatria Jean Delay, literato de estirpe que acaba de entrar para a Academia; o fogaoso jornalista Clemenceau ou o poeta Duhamel; na Alemanha o médico poeta Schiller, como na Espanha um Filipe Trigo ou Gregório Maraño; na Inglaterra um Maugham ou Helena Ashton; no Brasil um Afrânio Peixoto e tantos, tantos mais, exemplificam este notório fenómeno ou propensão de inumeráveis médicos para as Belas-Letras e Belas-Artes, fenómeno que, de par com outros, tentámos explicar no referido estudo.

Como Ramos acentua (18), diz na *Estética naturalista* de 1885 Júlio Lourenço Pinto: «O Romantismo foi a guarda avançada de um movimento renovador; mas só o Realismo o completa e restitui à genuinidade do pensamento inicial, insuflando um sopro de vida a toda essa natureza morta e movendo o homem social em pleno ambiente da vida real».

Razão e ciência eram soberanas, vinca este ilustre crítico. O fenómeno é intensamente vivido e expresso, como já o temos especificado, nas escolas de Medicina, terreno propício ao seu florescimento e especulação, dadas as características do respectivo ensino e prática, sempre tão profundamente enlaçados aos mais graves problemas humanos: a vida e a morte, a doença e a dor, a miséria física e a angústia psíquica.

Daí que em inúmeras teses de formatura os jovens médicos (para não falar já em clínicos experimentados, de Miguel Bombarda a Laranjeira) revelam, a todo o momento, as mais racionalistas, cépticas e irreverentes ideias sobre os temas a que se reagia por meio do Realismo.

O experimentalismo científico alheava-se da metafísica, da especulação filosófica, reduzia a expressão existencial humana a fórmulas secas da ciência biológica ou físico-química, aliançadas à Psicologia e, de modo especial, à Psicopatologia.

Todos conhecemos o exagero deste fenómeno, como a experiência contemporânea o prova.

Conan Doyle, que viveu esta época extraordinária, reflecte, de modo singular, as duas correntes: a idealista, *romântica* ou tradicional, e a *racionalista* ou *realista*.

No fluxo e refluxo da primeira contam-se os episódios da sua vida filantrópica, sacrificada pelo bem dos outros, prègador do Bem e da Verdade, altruista fervoroso, desde a defesa dos oprimidos do Congo aos combatentes da guerra dos Bôeres.

O seu grande coração e sua incomensurável bondade, a todos os momentos revelados, exprimiam-se nesse pendor dos seus actos sociais.

À corrente racionalista ou realista prendem-se aqueles que projectam a cultura da sua educação científica, mormente médica: — a criação do seu estilo literário, centrado na figura de Sherlock Holmes, policia ilustrado na Ciência e nas Belas-Artes, inimigo do crime, do erro e da injustiça, exemplificam o que se afirma.

A sua inquietação religiosa — porque existiu, na verdade — dependia amplamente desse dualismo psicológico ou temperamental, em que a ciclotimia se manifesta claramente, de par com o seu dinamismo paranoide, extraordinariamente fecundo, em originalidade e variedade. O seu labor literário era intensíssimo e ilimitada a sua fantasia.

Por seu turno, diz a recentíssima História Literária do Prof. Prado Coelho, ao versar o problema do realismo e o célebre movimento coimbrão que dissolveu o Romantismo: — «A França, e através desta a Alemanha e a Inglaterra, foi a principal inspiradora dos dirigentes da rebelião coimbrã.» (19)

Os seus fautores «leram e decoraram Quinet e Proudhon, o satanismo baudeleriano, a erudição histórica de Leconte de Lisle, o determinismo de Taine, as eloquências liberais humanitárias de Hugo, o diletantismo crítico de Renan, o revolucionarismo apóstolico de Michelet, — e ainda Hegel, e Heine, e Darwin, e Flaubert».

Tudo era, diz Prado Coelho, irreverência e liberdade, «sentimento de revolta contra a estagnação do Ultra-Romantismo constitucionalista e o intuito de renovação do clima das letras e da vida portuguesa».

De todo este movimento realista, que o era universal, surgiram novas formas de projectar ideias e sentimentos, não já como *arte*, mas como *doutrinação* filossófica, religiosa e política, nos mais variados tons, em artigos científicos, em poesia naturalista, em crítica anti-clerical, e tantos mais.

E surgiu, também, bebendo lição na ciência criminológica, que um Gros e um Lombroso ensinaram ao mundo, a abrir os caboucos da Polícia Científica e da Biologia ou Antropologia Criminal; surgiu também o *policialismo* na Literatura, ou a «Literatura policial», sobre a qual são divergentes as opiniões dos críticos literários.

Uns, condenam-na formalmente, de modo semelhante ao que fazem os puros enólogos do vinho verde, que o não consideram como vinho; outros, intencionalmente o ignoram, pela mesma razão; outros, dão-lhe envergonhado lugar ao pé da demais Literatura; e outros, mais democrática ou liberalmente, assentam-na a par da restante. E outros, ainda, prestam-lhe entusiástico, quanto insistente culto.

Não vamos, aqui, tratar do assunto, que bem o merecia... Fixemos, apenas, que dois inimigos temíveis estão a destruir o mérito incontestável que tal género literário poderia revestir; um, a comercialização das suas editoriais, incluindo na comercialização a audácia e o despudor de tantos que se dedicam a escrever a maior parte de tais produtos, e para o que lhes faltam os indispensáveis requisitos intelectuais e morais; o outro inimigo é o prejuízo psíquico e ético que tal literatura causa nos leitores, especialmente jovens. Este segundo inimigo não poderá deixar de suscitar a indispensável reacção da sociedade em justo desfavor de tão perniciosa forma de estimular a pior parte dos piores instintos humanos. (20)

*

Não vamos discutir, agora, quais as condições que devem revestir as obras literárias para se integrarem no rol dos chamados contos, novelas ou romances policiais.

Isto seria fundamental como directriz da respectiva História, que vamos sumariar.

Contudo, parece-nos interessante ouvir a opinião de um ilustre Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, expressa num sumário estudo acerca do problema (21). Diz o Dr. Cândido Neto Filho, depois de, paradoxalmente, afirmar que *o Homem moderno está enfasiado de originalidades* e que a originalidade é, para si, «exaustiva e pedante»; depois de a considerar um despropósito e de louvar o comum, a vulgaridade, como o verdadeiro sentido e essência da Literatura; depois de dizer que as suas grandes obras eternas não são, nem nunca foram originais, versam coisas e fenómenos bem conhecidos, escreve:

«A vulgaridade comove, o conhecido emociona, porque trazem em si o sentido das identificações... Quando uma literatura insiste em procurar novidades, na forma e no conteúdo, torna-se retorcida e impre-cisa...

Entretanto, quando vive a humanidade do homem, quando ela identifica criadores e criaturas, leitores e autores, está na plenitude da sua força. Realmente, só amamos o que conhecemos, só compreendemos aquilo que tem valor participativo em nossa vida, que provém do processo intencional da nossa consciência.»

Depois, escreve o Prof. Neto Filho, que é, como dissemos, ilustre Professor de Direito:

«Quando o público começou a tomar gosto pelo romance policial, certo pedantismo literário disse que ele era o fruto do mau gosto da nova época, da perversão cultural do grande público, da pobreza mental das massas, da grosseira sensibilidade do homem comum.»

Na verdade, historiadores da Literatura, os seus críticos, em geral, não dão atenção ao género. Entre nós, o mesmo acontece. Poderíamos citar alguns exemplos. Apenas dois: a *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, dada ao público há anos, encerra um pequeno capítulo sobre o romance policial, tal como a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*; mas a nova *História da Literatura*, dirigida por Prado Coelho, parece desinteressar-se da espécie.

Entretanto, como lembra Neto Filho, Paul Morand escreveu sobre ela alguns ensaios críticos, com anotações de André Gide e ensaios sociológicos de Roger Callois.

Em 1920 Jaques Rivière «via o futuro do romance no género policial». (22)

Quase 40 anos corridos — em História Literária tal número de anos é muito mestre! — vemos que Rivière se enganou ou exagerou; e que não menos se enganaram ou exageraram os que haviam condenado o discutido género literário.

Creemos que o problema está muito bem equacionado e satisfeito por Claude Magny, no seu estudo *Le roman policier ou la Catharsis de l'absurde*. (23)

Este fenómeno *catarse* ou *catarsia* (*Kátharsis* significa *purgação*, no grego) é, nas páginas de um *Manual alfabético de Psiquiatria*, «a acção ou reacção que provoca a libertação de um resíduo afectivo antigo ou a liquidação de uma situação conflitiva represada ou recalçada e que perturbam a actividade normal da vida psíquica». (24)

Já nos referimos a esta catarse dos autores e dos leitores do romance policial, «non tellement des mauvais instincts de l'auteur que son énergie psychique», comenta Magny. E anota: «todo o leitor de Agatha Christie ou de Anthony Berkeley mais de uma vez se regozija por não os ter por inimigo particular» (25).

Depois de reparar, como nós e todos, no enigma que exprime a voga imensa e duradoira do romance policial que «embora cresça a engenhosidade dos leitores, os autores teimam em escrever», explica o facto pelos motivos evidentes que de ordinário se evocam, como a necessidade que o Homem tem de ser divertido, de esquecer os desgostos ou os problemas da sua própria existência; gosto das emoções fortes; etc.

E conclui Magny por dizer, e plenamente aceitamos o conceito: «se o romance policial tem uma situação tão bem firmada no público é porque ele preenche, para a consciência moderna, uma verdadeira função e que é, para a literatura actual, tão insubstituível como outrora o foram a tragédia clássica ou o romance de análise.»

Para Magny, o romance policial tem seu lugar entre os muitos *ópios* do homem moderno e que enche uma das grandes funções da Literatura, isto é, dar satisfação àquelas de nossas tendências que os modos «objectivos»

do conhecimento poderiam deixar atrofiados ou destruídos, fornecer-nos mitos consoladores quando a religião e a ciência os não dão.

Embora discutível esta asserção — conhecemos inúmeros católicos e homens de ciência que leem com apreço o seu romance policial — embora discutível o que acabamos de ler de Magny, apoiámo-lo quando diz que os etnólogos do futuro, e mesmo os de hoje, para conhecerem a mentalidade do século xx, «devront partir du roman policier.»

Por seu turno, entre muitos outros, um especialista brasileiro de criminalística, Artur de Barros Júnior (26), foca o aspecto freudiano ou psicanalítico dos romances policiais, a propósito de certo volume do engenhoso e original, como lhe chama, Harry Keler, ponto este que mereceria especiais referências, se tivéssemos tempo para isso.

Basta dizer que dentro da própria Ciência criminológica ou do Direito criminal se debatem vastas e melindrosas considerações acerca da Psicanálise e crime, como se pode ver nas obras de um Genil Perrin ou de um Jiménez de Asúa, com tendência a substituir o velho e caduco princípio da gênese delinquencial explicada por César Lombroso. Poderíamos explicar a criação de personagens fictícias, como a dum Hamlet, de um D. Quixote ou de um Sherlock Holmes como casos anómalos de *desdobramento da personalidade*, de que nos dá espectacular exemplo Fernando Pessoa com os seus outros *Fernandos Pessoas*, os heterónimos bem conhecidos e tão discutíveis, que ele faz viver de modo extraordinário, e extraordinariamente individualizados e identificados. (27)

O mesmo Barros Junior, em outro estudo, resumindo o livro de Tomás Narcejac sobre *Esthétique du Roman policier* (28), que, por sua vez, comenta os conhecidos de Régis Messac e de François Fosca acerca do problema, escreve, firmado no primeiro daqueles autores: «o maravilhoso e racional são os dois elementos fundamentais do respectivo romance. A lógica, porém, é parte integrante da ficção romanesca. O romance policial não é científico, não é apenas raciocínio, como pretendia Edgar Poë».

Para Narcejac, só é policial o *romance de aventuras* em que o *raciocínio cria o maravilhoso e o torna verdadeiro*.

Num dos volumes da *Confluence*, sobre *Problemas do romance* (29), podem ler-se alguns trabalhos de crítica ao policial, como o de Honang Tcheng, ou de Paroutaud. Longe nos levaria sumariar, ao menos sumariar, o que esses e incontáveis outros autores sobre o tema escreveram. Todavia, oiçamos ainda Tcheng, no conceito crítico do romance policial: «o segredo da sua popularidade procede de que responde à nossa curiosidade instintiva de desvendar um mistério, não diferente da curiosidade científica. Sõmente, a curiosidade do cientista só se satisfaz depois de longos anos de aprendizagem técnica e pacientes investigações, enquanto que a dos leitores dos romances policiais poderá sê-lo facilmente após algumas horas de leitura agradável e sem esforço».

Como nós também diríamos, Tcheng afirma que, a par de romances policiais muito maus, o romance policial tipo possui, no entanto, ao lado de suas qualidades literárias, dois caracteres que merecem a nossa atenção: carácter lógico e carácter moral.

Podemos desde já asseverar que os livros de Conan Doyle são, nestes particulares, paradigmas indiscutíveis.

Também estamos com Tcheng quando diz que é incorrecto crer que os leitores de romances policiais revelam maus instintos e que procuram saciar pela leitura sua sede de sangue humano. O que os interessa, porém, não é o assassinato em si mesmo, mas o assassinato que o detective descobre. O mesmo se diria do *filme policial*, ou da *projecção televisonada*.

É claro que há excepções, pois não faltam indivíduos anormais de carácter ou de mente que procurem sôfregamente aquela satisfação a que se refere Tcheng.

Na verdade, foi rápida e opulentíssima a evolução do género policial e em vários sectores. Desde o seu tímido aparecimento, já especificado, porém, de Edgar Poe, até nossa época, podemos sistematizar a sua carreira por estes caminhos que a Ciência e a Técnica contemporânea condicionaram favoravelmente:

— *Literatura* (conto, novela, romance e folhetim)

— *Teatro*

— *Cinematografia* (filme policial e respectivas publicações; novelas, contos, etc.)

— *Radiofonia*

— *Televisão*

— *Literatura infantil* (parcelada em rectângulos ilustrados ou do tipo «folheto de cordel», que renasce nos vendedores populares dos recantos e passeios públicos).

— *Jornalismo* (secções para problemas policiais)

É certo que temos de distinguir, no chamadoiro *policial*, aquilo que realmente o merece ou a que cabe. Por definição, novela, conto ou romance policial são as referidas espécies em que a actividade da organização preventiva e repressiva das instituições policiais — privadas ou oficiais, têm particular posição ou lugar. Por isso recebe o sobrenome *policial*.

Com maior ou menor fidelidade, com mais ou menos idoneidade, são expostos ou equacionados novos trabalhos, problemas criminais que a Polícia soluciona também com maior ou menor facilidade e felicidade. A polícia e o... leitor, claro, quer dizer, o autor e o seu teleleitor, que não é interlocutor activo, por não usar de qualquer locução com o autor da obra que está lendo.

Outro género seria o *criminológico* ou *biológico criminal*, mais científico, mais filosófico, com mais espírito de tese, instruído com a Ciência da Criminologia e Ciências pares, tal a Medicina Legal, com seus capítulos especializados, da Dactiloscopia à Toxicologia, à Psiquiatria forense, à Psicologia criminal. (30)

Neste campo, raros são os que como tal possam apelidar-se. Daí que o comum das editoriais se fixa no romance ou conto policial, de mais fácil e sedutora compreensão.

Tudo revela a influência da popularização dos conhecimentos científicos.

Tempo houve em que tais conhecimentos serviram a estruturação de novelas e romances da escola realista ou positiva, de Zola a Schopenhauer e tantos

outros, escola a que Camilo Castelo Branco dedicou o *Eusébio Macário* e a *Corja*, no primeiro dos quais a caricaturou argutamente. ⁽³¹⁾

Depois, e ainda se mantêm firme, surge a escola psicopatológica, em que os temas são mais ou menos proficientemente versados, do foro da Psiquiatria, em todos os seus ramos, da Psicologia em todas as suas correntes, mormente a psicanalítica. Entram nestes dois sectores, dos autores portugueses, Reis Dâmaso, Júlio Pinto, Eça de Queiroz, um Fialho de Almeida, Abel Botelho ou Luís de Magalhães.

Entretanto, aparecem os *romances de mistério*, em que muita vez não entra a Polícia, mas que seduzem pelo entrecho, a surpresa, o inesperado da solução.

Do *Conde de Monte Cristo*, de Dumas Pai, ao nosso Arnaldo Gama com os seus romances *O anel misterioso*, *O Génio do Mal*, *O segredo do Abade*; a Camilo com os *Mistérios de Lisboa* ou o *Livro Negro do Padre Dinis*; a Gervásio Lobato com os *Mistérios do Porto*; e a tantos outros, sem falar em Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, eis aí alguns exemplos do que se afirma.

Sherlock Holmes, digamos Conan Doyle, abre entre 1880 e 1930, ano em que morreu, a escola científica do romance ou novela policial, ou, se quisermos ser mais correcto, do método racional, indutivo ou filosófico.

Embora se sirva de métodos científicos — nunca utilizou o valor das impressões digitais, embora técnica já preconizada no seu tempo ⁽³²⁾ — a análise química, a mensuração topográfica e tantos outros, Conan Doyle emprega, sobretudo, a reflexão ou o raciocínio.

Consta da sua biografia que fora o seu mestre de Medicina José Bell quem lhe inspirou o sistema, tal o rigor dos diagnósticos clínicos que fazia diante dos alunos, baseado em intensa reflexão, arguto raciocínio e solidez de lógica. Há, na verdade, expressões singularmente detectivescas na elaboração mental de um diagnóstico clínico.



O médico **ARTHUR CONAN DOYLE**

(Retrato de Sidney Paget, 1897)

Nem tal é, de admirar. O caminho da descoberta — seja ele de um criminoso, seja a de uma verdade científica, assume dessas aparências. Paul Montel, Presidente da Academia das Ciências de França e Decano Honorário da Faculdade de Ciências de Paris, que ao mesmo tempo era o Presidente do Comité Nacional dos Matemáticos, dizia o ano passado, num dos números da *Table ronde*: «Dans bien des disciplines scientifiques, l'histoire d'une découverte ressemble beaucoup à un roman policier. On veut donner la preuve d'une vérité que l'imagination a pressentie. Un indice, une remarque, un exemple vous entraîne dans une voie que l'on s'efforce d'utiliser pour atteindre le résultat», etc. (33)

Em Medicina, o caminho que se segue para a descoberta de um órgão ou parte do organismo que sofre e é base de todo o mal-estar, ou para a descoberta de um foco infeccioso, de um agente patogénico e tantos outros elementos patobiológicos, assemelha-se ao percorrido pelo *detective*, desde a descoberta do crime ao exame dos indícios — os «sintomas» em Medicina — que o podem levar a pôr mão no sujeito delinquente.

Conan Doyle teve, assim, um grande Mestre no seu citado Professor de Clínica Dr. José Bell, falecido em 1911, famoso cirurgião escocês, cujos diagnósticos eram insuperavelmente perfeitos, tal a argúcia do seu raciocínio, às vezes baseado em indícios de reduzido vulto e insignificância aparente. (34)

São concordes os biógrafos em apontar esta fonte de inspiração de Conan Doyle. Por isso podemos dizer que o género literário doyliano nasceu no seio de um Hospital da Escócia!

Como se sabe, Conan Doyle criou um outro tipo de personagem dos seus contos, o conhecido Dr. John Watson, que copiou de um outro seu colega realíssimo, o Dr. James Watson. Apenas lhe mudou o prenome.

Este Dr. Watson é irmão gémeo de Sherlock: ambos nasceram no amplíssimo útero da imaginação de Conan Doyle, nesse ano de 1886.

Pois o Prof. João de Meira, ao «trazer a esta cidade» o famoso polícia inglês, deu-lhe a companhia do mesmo Dr. Watson. Todavia, o conto em que narra a sua

aventura portuense subscreve-o com o já referido trocadilho onomástico de Donan Coyle, todas as letras do nome do célebre escritor britânico!

*

Nada há neste mundo de original que não tenha pioneiros ou antecedente (35). Edmond Locard, um dos precursores da Polícia científica moderna o afirma referentemente a Sherlock Holmes, tipo que teve antepassados (36). O eminente criminólogo de Leão diz-nos o seguinte, a propósito do valor científico da criação de Conan Doyle, o que lhe dá especial importância, depois de referir o que era a técnica científica policial do seu tempo: «esta técnica, não a conhece Sherlock melhor do que qualquer dos seus contemporâneos reais e vivos, mas é um iniciador, e podemos ver nos tratados o nome deste herói imaginário figurar entre os dos especialistas que abriram uma via nova às experiências e aos estudos».

E continua o insigne Dr. Locard, Director do Laboratório de Polícia Científica de Leão:

«Confesso, por minha parte, ter tomado nas aventuras de Sherlock Holmes a ideia primacial de investigações sobre as poeiras dos vestidos e sobre as manchas de lama, e não fui o único a encontrar nesses romances ideias novas e inspirações úteis». (37)

Com a sua indiscutível competência Locard arrola as citadas invenções e descobertas dos romances de Conan Doyle, comparando-as com as actuais ou de laboratório científico, exclamando:

«Dedutivo ou analógico, o método de Holmes é perfeito porque é aplicado adequadamente ao seu fim.

Manejado pelo homem de génio de quem Watson nos conta os altos feitos, ele conduz ao sucesso quase seguro.... Raros problemas lhe ficam insolúveis. Na imensa maioria dos casos ele vence pelo impecável rigor do seu método.

Tudo em Holmes é para imitar, diz o Professor lionês: — sua especialização, sua competência técnica... mas onde fica o mestre é na escolha feliz da hipótese, na intuição que não se aprende, na força lógica».

Sem contar, vincámo-lo nós, a beleza de algumas das suas páginas, de certas descrições paisagísticas, de certos diálogos, de certas explanações filosóficas ou psicológicas, em que se marca como um delicado e invulgar literato.

No mais, escreveu ainda o Prof. Locard no seu livro, referindo-se ao aparecimento dos laboratórios de Polícia: «via-se, enfim, tal como nos romances de Conan Doyle, descobrir um criminoso sem outro meio que a observação dos vestígios e o raciocínio. O programa traçado pelos polícias de romance estava realizado pelos polícias de laboratório».

Este é o melhor e mais fundamentado encómio que se poderia fazer a Conan Doyle, cuja obra foi largamente traduzida em Portugal (5 volumes, 1907 a 1909, Lisboa), por ilustres escritores como Henrique Lopes de Mendonça, Manuel de Macedo, Augusto Gil e Cristóvão Aires.

Grande parte deste encómio podemos nós lê-lo no grande *Traité de Criminalistique*, do mesmo Prof. Locard, pois em várias de suas páginas alude ao método e processos técnicos de Conan Doyle, citando trabalhos publicados pelo eminente escritor, como o que fez sobre pégadas e sua moldagem; lembrando a sua maestria no rastreo de animais; a sua argúcia na identificação das marcas de rodas dos mais variados veículos; a não menor na averiguação das qualidades de tabaco; e tantos outros factos.^(3.8)

Todavia, embora as impressões digitais estivessem já em franco caminho de aceitação, Conan Doyle, como já dissemos, não lhes concedeu quaisquer atenções práticas. É o que Locard, e bem, chama «un point faible» na Ciência de Conan Doyle.

Passaremos, agora, a uma breve, mas indispensável, história do romance policial. Já nos referimos a que não há obra humana original sem antecedentes, mais ou menos próximos, mais ou menos nítidos e mais ou menos curiosos.

«Campo de distração e de evasão mental e afectiva, como de aplicação de potencialidades intelectuais, o romance policial é, também, mesa especial de jogo, a que o Homem, «animal que joga», concede particular apreço.

Diz e muito bem o filósofo e psicólogo espanhol Cruz Hernandez, no seu recentíssimo compêndio de Psicologia: «Ser, viver, isso é o que mais deseja o homem; mas a realidade limita-nos e só o jogo pode salvar este limite e submergir-nos, em mergulho maravilhoso, no mundo da fantasia». (39)

E conclui: «toda a arte nasce deste jogo transcendental, que se desenvolve nesse mundo e em função dele».

Em todo o jogo se oculta e marca o mistério, quer o do acaso ou da sorte, quer o da própria possibilidade de vencermos o adversário, na ocasião oportuna.

Com o mistério, a correlativa surpresa, o inesperado.

Com tudo isso joga o autor do romance policial, joga o agente da justiça na caça do delinquente, joga o leitor que tenta, emparceirado com aquele, descobrir o que é ainda enigmático.

Com certa razão, por isso, ao focar a estrutura essencial do moderno romance criminal, o Prof. Cândido Mota conclui que nele não se movimentam os criminosos de almas danadas postos em cena por Shakespeare ou Dostoiewsky: «presente está apenas o espírito desportivo, o gosto sadio e colorido da competição. E é por isso que ele é bem recebido nas camadas populares e espera ter, um dia, o seu lugar de honra na história da literatura» (40)

Começar uma história de invenções ou descobertas exige descer ao mais fundo, quando se possa, das suas raízes mais finas. E quando nos fixamos no directo produto da imaginação de alguém, no campo da Arte, da Ciência ou da Literatura, depara-se-nos sempre a perturbante pergunta: — *mas, quem teria pensado primeiro nisso?*

Dissemos, em outro lugar, que a imaginação é sempre criadora. Vergez e Huisman (41), ao falarem

deste problema tão discutido e de tanto interesse na História do romance policial, afirmam que a imaginação puramente criadora seria propriamente inexplicável. E esclarecem porquê. Porém, mais adiante, comentam, com pesada razão: «a imaginação criadora do engenheiro, do romancista, do músico não é uma criação *ex-nihilo*...», quer dizer, do nada.

Daí que o «inventor encontra na cultura da sua época os *elementos* da sua criação» e que a «imaginação não é criadora senão quando é continuadora».

Nas bases do romance policial figura, justamente, Edgar Poë, que morreu em 1849, de quem Baudelaire traduziu os escritos, singularmente perturbantes.

Na sua obra, como na de todos os artistas, é que devemos ler o que desejamos saber da imaginação, dizem Huisman e Vergez; são destes estas palavras: «só o primeiro criador pode ser reconhecido como o verdadeiro «inventor». Nerval, recordam eles, afirmava que «quem primeiro comparou a mulher a uma rosa era um génio... o segundo, um imbecil». (42).

Poderá aplicar-se o dito à génese do verdadeiro romance policial? E à do romance policial de Conan Doyle, tão característico?

Na verdade, a História deste género literário, feita por especialistas contemporâneos de variada categoria, de Artur Leite de Barros, Francisco Fosca, Dorothy Sayers, Régis Messac e outros, como alguns que já citamos, prova a ancestralidade das raízes desta inovação.

Há-os, como o Prof. Cândido Mota, que recuam a luta contra o crime até ao princípio da Humanidade e por isso aparece nos livros santos. Caím seria o grande primeiro criminoso. No dizer do Professor jurista brasileiro, aí, nesse espantoso caso, é Deus que o procura, «que substitui as insuficiências humanas e a sua voz alcança o criminoso:— Que fizeste de teu irmão Abel?» (43)

Nesse pendor, a criminalidade, fonte copiosa do romance policial, surge em obras de todas as épocas. Em Homero «passeia, irreverente, a astúcia criminosa». O mesmo em Shakespeare, em Paul Bourget, em Dostoiévsky, como em Sófocles, Voltaire ou Balzac.

Onde nos levaria seguirmos o crítico nessa vereda custosa de galgar!

Todavia, parece-nos estar certo o que diz sobre o nascimento do romance policial:

«Dá, de começo, a impressão de um desdobramento do romance de aventuras, que fez sucesso, com Fenimore Cooper e Melville, abastece-se nas intrigas burguezas de Balzac, nas páginas dolorosas de Kipling, insinua-se em «Os Mistérios de Paris», de Eugéne Sue e nas manobras de «Rocambole» de Ponson du Terrail, para dar o grito de sua independência com Edgar Poë», o americano Edgar Allan Poë, estranho autor do *Corvo* e dos *Contos do grotesco e do arabesco*.

Comenta o Prof. Cândido Mota:

«Quando, mais tarde, surge Conan Doyle, ensinando as novas regras da investigação criminal, através da literatura, nele encontramos então a influência visível e acentuada do genial escritor americano».

É uma vocação anglo-saxónica, o romance policial, obra de arte em muitas ocasiões, escreve o ilustre jurista.

Depois, entre Poë e Doyle, e após este, a série é ininterrupta, de um Van Dine, Wallace, Chesterton, Agatha Christie, Oppenheim, Ellery Queen ou Simenon.

Chamou Fosca o *bastardo* ou o *aventureiro* ao romance policial.

Uns o dão nascido do *Zadig* de Voltaire, como nos diz o próprio Locard. Com o mesmo critério podiam apontar-se obras quinhentistas de Cristóforo Romano, ou os *Contos das mil e uma noites*, ou certos textos talmúdicos de há 1600 anos.

E se quiserem, como Fosca, esmiuçar a rede antiga, podemos aceitar como do género, ou com ele relacionadas, certas produções gregas (*Édipo-Rei*, por ex.) ou certos actos humanos muito antigos, como o de Arquimedes, ao descobrir cientificamente certa fraude de um ourives no fabrico da coroa de ouro do rei de Siracusa!

De outros apontados na História deste romance, Sue, Féval, Montepin, Balzac, Ponson du Terrail ou Dumas Pai, não podem inscrever-se perfeitamente nela. Nem talvez o próprio William Godwin, que teria influenciado Edgar Poë.

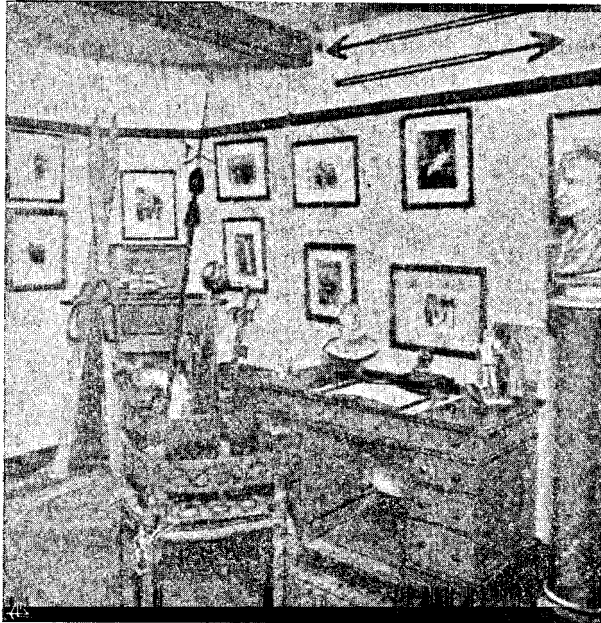


Fig. 1 — Gabinete de Conan Doyle em Bignel Wood



Fig. 2 — Sala «Holmes-Watson», na casa onde morou Conan Doyle, em Londres (221 B, de Baker Street).

Da imaginação dos autores bem definidos no campo surgiram, como relembra Leite de Barros, o *Dupin*, de Poë; o *Lecog*, de Gaboriau e o *Sherlock*, de Doyle.

Os detetives são elemento *patognomónico*, como dizem em Medicina, do romance policial.

Wilkie Collins, entre Poë e Doyle, não seria também um verdadeiro romancista policial. O seu *Moonstone*, porém, seria, no conceito de Sayers, o «mais belo romance policial até agora escrito».

Coryell, como muitos se lembram, criou o célebre *Nick Carter*, que todos lemos na nossa infância.

Após Gaboriau, Maurice Leblanc e Gaston Leroux são os coriféus em França, aquele com o seu criminoso «simpático», Arsénio Lupin; este com o Rouletabille, que numa edição portuguesa passou a ser Rebolabola, jovem e arguto *repórter*.

E quem se não recorda, como nós, do espantoso *Fantomas*, em livro, em folhetim e em cinema, criação de Pierre Silvestre e Marcel Allain e, por esse tempo, também, *Os Mistérios de Nova Iorque*, cujo autor não conheço.

Maigret, o Inspector Maigret, já em larga andança nos filmes, é produto de Simenon. E quantos mais, quantos mais autores de romance policial, de que existem em Portugal colecções especiais, com escritos de alguns dos citados, como de King, de Post, de Johnson, Bentley, Stevenson, Balley, Stout, Garoner e por aí fora outros.

Um destes, Righth ou Van Dine, elaborou um formulário com 20 regras para escrever romances policiais, onde não falta certa qualidade psicológica. (44)

A notoriedade e difusão deste género literário foi e é tal que se fundaram na Inglaterra e nos Estados Unidos sociedades especiais como o *Crime-Club* e *Detective Story Club*.

E não esqueça dizer que no 221-B, de Baker Street, em Londres, onde morou Conan Doyle, existe um museu curioso das recordações deste escritor e... do seu Sherlock Holmes, com as do Dr. Watson!

Quanto a autores femininos de romances policiais, além dos já referidos, apontamos as senhoras Meade,

Belloc Lowndes, Wentworth, Allingham, Hart, Eberhart, Caspary, Rinehart, Craig Rice, Marsh, Bowers e outras, citadas por Alcântara Silveira, advogado paulista. (45)

... *
... *

E, passemos a Portugal. A mais recente nota histórica sobre o romance policial, na generalidade, deve-se a João Gaspar Simões, que afirma *ser quase inexistente* a sua tradição no nosso país.

Aponta, apenas, o *Mistério da estrada de Sintra*, que Eça e Ramalho escreveram em 1884, «o seu único documento verdadeiramente notável». (46)

É curioso que este romance é mais velho que a criação da figura de Sherlock Holmes (1886); mas já Conan Doyle começara, com sucesso, a escrever curiosas histórias em 1882, já depois de formado em Medicina (1881).

E também é curioso que existem flagrantes parencas físicas e morais entre as figuras de Ramalho e de Conan Doyle. Mas, prossigamos.

Em outro lugar lê-se uma sumária história do romance policial no nosso país, onde se apontam os *Mistérios de Lisboa*, de Camilo (nesse género o seu *Livro Negro do Padre Dinis* mereceria lugar semelhante), que em nosso entender não assumem a marca que ao presente nos interessa. Como esses, apontaríamos outros, tais os *Mistérios do Porto*, de Geryásio Lobato e certos livros de Arnaldo Gama, como o *Génio do mal*. Na verdade, porém, são obras de enredo misterioso, distantes do género de Poë ou de Doyle.

Antes de Eça e de Ramalho, contudo, surgem as obras de Alfredo Possolo Hogan, falecido em 1865 e de Francisco Leite Bastos, que morreu em 1886, ano em que «nasceu» Sherlock Holmes.

Alfredo Possolo é o autor incontestável do conhecido conto *A mão do finado*, apenso ao *Conde de Monte Cristo*, de Dumas, e considerado como da autoria deste, que, aliás, a desmentiu em 1853. Com o nome *La main du défunt* fez-se em França uma edição pró-

pria desta obra que no Brasil foi imensamente apreciada e... traduzida do francês. (47)

Escreveu, também, os *Mistérios de Lisboa*, em 1852, dois anos antes de Camilo publicar no Porto, com o mesmo título a sua conhecida obra, que citámos.

Em 1841, nascia na capital Francisco Leite Bastos, excêntrico, estroina e sem dúvida desequilibrado, que escreveu várias obras de mistério e terror, como *Os crimes de Diogo Alves* ou a *Mulher do carrasco* e *O crime do corregedor*. (48) Deve-se-lhe, sob o nome *As maravilhas do homem pardo*, a continuação do romance de Ponson du Terrail, *Rocamboles*.

Morreu desventurado em 1886, como dissemos. Depois, que nós saibamos, mas caracterizadamente policial — talvez o mais especificamente policial que se escreveu até 1912 em Portugal, aparecem neste ano os contos de João de Meira, Professor de Medicina Legal na Faculdade do Porto e historiador ilustre da Medicina, com os títulos *Sherlock Holmes no Porto* — *O cadáver que se evade* e *O «truc» de Mister Raymond*, na revista «Mundo Ilustrado», daquela cidade.

Por esse tempo vivia ainda Conan Doyle, no auge da sua glória bem ganha.

Não sendo o próprio *Mistério da estrada de Sintra* um romance policial do tipo doyliano, nem tão-pouco, com todas as suas exigidas características, os de Possolo Hogan e de Leite Bastos, deduz-se que os contos, de João de Meira, de 1912, são os verdadeiros pioneiros do género em Portugal.

Só depois dele, e bem mais tarde, aparecem a público os contos, novelas e artigos do Reporter X, que era o distinto jornalista Reinaldo Ferreira, e os de Mário Domingues, autor e editor de obras do género.

Passam depois, na cena que estamos a rever, e segundo informação recente, os escritos de João Amalral Junior, Sousa Fonseca, José Adolfo Coelho, Gentil Marques, Leão Penedo, Guedes de Amorim e Castelo de Morais, parecendo que o grande Fernando Pessoa, o insigníssimo poeta da *Mensagem*, se dedicou a escrever também obras de carácter policial. (49)

Amilcar Goulart, Américo Faria e José da Natividade Gaspar entram nesta conta.

Enfim, no Brasil, como nos informa Leite de Bar-

ros, não prolifera o género. Depois de aludir a obras de mistério, em que se associaram Coelho Neto, Afrânio, Viriato Correia, Medeiros e Albuquerque, e de contar que em outras cidades brasileiras outros grupos de escritores tentaram idênticas parcerias para publicação de obras de mistério e enredo policial, Leite de Barros concluiu, há 10 anos, falando da raridade de escritos do género que estamos a comentar: «no Brasil, romance policial é *sub-literatura*, ou melhor, é sinónimo de literatura de cordel. Esse é o nosso complexo — diz — de inferioridade literária. Por isso nenhum escritor de talento ousa, sob a responsabilidade do seu nome, desfazer a errônea frase-feita».

Feitas estas já largas considerações, oiçamos, em resumo, o conto de João de Meira, que publicou no *Mundo Ilustrado*, sob o pseudónimo de *Donan Coyle*, anagrama de *Conan Doyle*, «escrito» pelo leal companheiro de Sherlock Holmes, com aquele nome, o Dr. Watson.

A fim de repor a sua abalada saúde e a conselho do mesmo Dr. Watson e outras sumidades médicas, aproveitando uma viagem do seu amigo ao Porto, onde vinha tratar da falência de uma certa casa de vinhos, Sherlock Holmes chegou a Lisboa em tal disposição de ânimo e com tal oportunidade que logo entrou em averiguações de um caso escuro de eyasões do Aljube da capital, «que tanta retumbância teve».

Começando a recuperar a saúde e abandonando o «maldito vício da cocaína», Sherlock Holmes e o Dr. Watson ficaram no Porto alguns anos, onde alugaram casa, governada por Mistress Hudson, que mandaram vir de Londres. Devo esclarecer que João de Meira escreve este conto quando era vivo e bem vivo Conan Doyle, criador daquele celeberrimo Sherlock Holmes, que ao tempo escrevia o famoso livro sobre o *Caso de Óscar Slater* (*The Case of Oscar Slater*), isto é, na época do pleno brilho da sua glória literária.

Ora uma vez no Porto, estabeleceram a sua antiga vida de Baker-Street na modesta Rua do Calvário, a



O Prof. Dr. João de Meira

*Retrato a óleo existente no Museu de História da Medicina
da Faculdade de Medicina do Porto*

(Pintor Acácio Lino, 1913)

mesma onde nasceu o nosso insigne Almeida Garrett, ao deslado da celebrada Cordoaria. A casa, pelas trazeiras, dava para o passeio das Virtudes e dela se disfrutava uma esplêndida vista sobre o rio, a Foz e Vila Nova de Gaia.

É nessa casa que certo dia aparece, preocupadíssimo, o Director da Morgue de Porto, de suposto nome Dr. Manuel Nunes Sanches, a solicitar do arguto detective inglês o seu auxilio para que se esclarecesse um espantoso enigma: nada menos que o desaparecimento, em menos de 12 horas, de um cadáver que dera entrada na referida Morgue para ser autopsiado.

Tratava-se de uma rapariga assassinada à faca no Monte Pedral, por indivíduo desconhecido, crime que Sherlock Holmes e Watson já haviam lido no *Notícias*.

A Polícia perdia-se em buscas e rebuscas. Ante o insucesso destas, o Director da Morgue procurou Sherlock para ajudá-lo no esclarecimento de tamanho mistério que era, na verdade, o desaparecimento de um cadáver da referida morgue!

A vida de Holmes, nesta cidade do Porto, não decorria ociosa. Muitos haviam sido — sempre na fantasia do contista João de Meira, que era mui probo e erudito historiador da Medicina ⁽⁵⁰⁾ — muitos haviam sido os casos policiais que o eminente detective já aqui decifrara: o furto de moedas do Museu Zuaga, o roubo da mala do correio de Braga, a falsificação dos cheques do Banco Lusitano e a do suposto filho do Conde de Campo Lindo, entre outros!

Perante o pedido do Director da Morgue, Sherlock intervem no caso. E começa-o com os seus habituais processos, pelo disfarce da fisionomia e vestuário com que já saíra de casa, na companhia daquele Professor e alto funcionário da Justiça.

A primeira visita é à Morgue, cuja modéstia de instalações o impressionou e o contista descreve, como em outro lugar o fez Maximiano Lemos.

Holmes examina minuciosamente o local, interroga, prescrua com rigoroso cuidado, encontrando no chão, apenas, um botão de roupa, de metal.

Do interrogatório dos empregados deduziu Holmes que houvera mudança inexplicável de lugar de uma

tesoura de autópsias, que os portões para a rua do Carmo e Largo do Carregal (vd. fig. 3, 4, 5, 6 e 7) estavam bem fechados e que apenas um homem ainda novo viera pedir a um dos serventuários que lhe permitisse ver a morta, pois podia ser uma sua irmã desaparecida.

No interior do muro, voltado para o Carregal (fig. 3 e 5) algo vira, com a lupa, Sherlock: vestígios de sapatos cardados e de corda de ganchos.

Entretanto, era preso o empregado responsável da Morgue, cuja inocência não parecia evidente, por várias razões.

Holmes continuou a reflectir e a procurar, agora no monte Pedral, onde a jovem mulher fora assassinada. Para lá tomou, o mais burguês e pacatamente possível, o carro de Paranhos...

Não se conhecia o criminoso, tão pouco o móbil do crime. A polícia prendera, também, um bonacheirão guarda-livros Santos, que descobrira a rapariga, já morta, no lugar onde a assaltaram. A autópsia revelara ferida penetrante do tórax, no terceiro espaço intercostal esquerdo.

Na ferida ficara parte da arma que dera a morte à pobre vítima, cuja identidade era totalmente desconhecida.

Os jornais falavam largamente do caso, mas não correlacionavam os dois crimes.

Todavia, Sherlock pensava de modo diferente, não cria na culpabilidade do empregado da Morgue, nem da do guarda-livros e provava-o, afirmando que o criminoso era um funcionário dos Caminhos de Ferro. Tudo isto deduzido em 24 horas.

Mercê de arguciosa lógica, Sherlock concluiu que o raptor do cadáver o teria transportado num carro de cavalos, de madrugada, do Carregal para sítio ignorado.

Mercê de um capcioso e inocente anúncio nos jornais, conseguiu falar com o cocheiro que fizera tal serviço e julgara ter conduzido um rapaz muito doente, inanimado, bem como ao irmão, que o amparava, daquela praça para certa casa da Rua de Vale-Formoso.

Nessa altura da investigação Sherlock sabia já que o raptor do cadáver da Morgue escalara o muro da

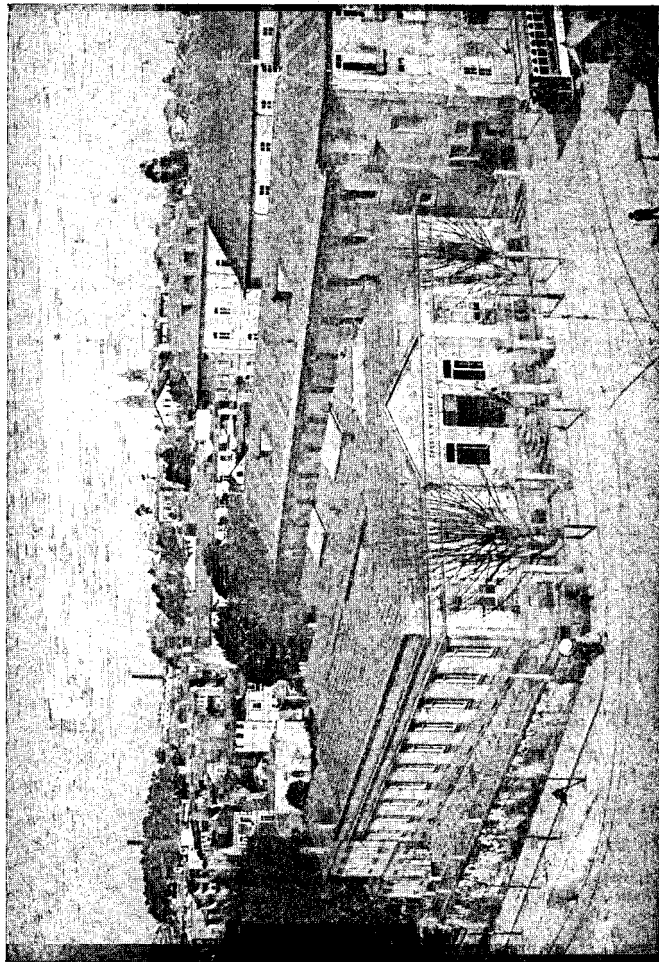


Fig. 3 — O edifício da antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, já Faculdade Universitária ao tempo em que, nas suas dependências da Morgue, João de Meira fez decorrer o conto a que nos reportamos.

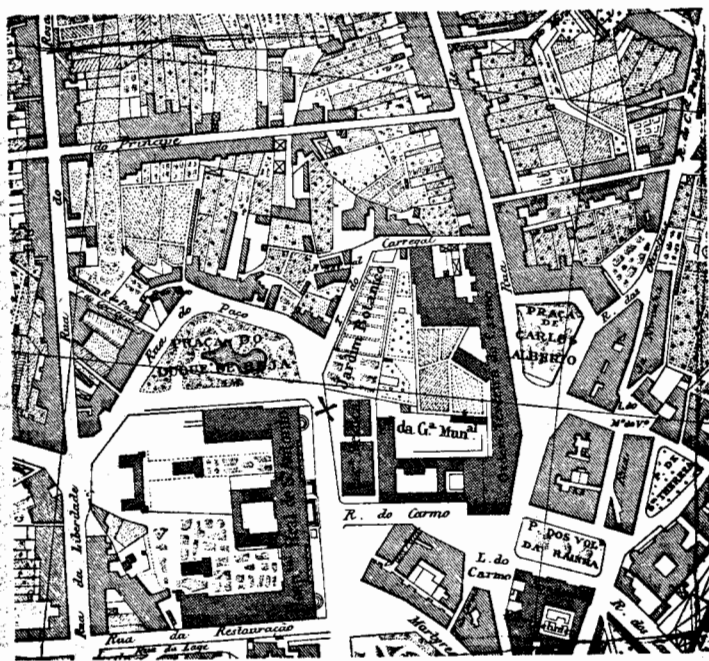


Fig. 4 — Planta do local entre a Cordoaria e o Carregal, onde se vêem implantados o Hospital Geral de Santo António e a Escola Médica.

mesma, trouxera consigo a morta, a quem vestira um fato de homem e cortara o cabelo com a tesoura a que já nos referimos.

Uma vez fora da Morgue, sentou-se no passeio com o irmão doente e inanimado e pediu a um guarda da polícia que lhe fosse chamar um carro.

E assim desapareceu com o cadáver da rapariga que assassinara e hábilmente fizera passar por um seu irmão desmaiado, sujeito a ataques, como referira ao próprio guarda que inocentemente tudo acreditara.

Sherlock Holmes, de posse deste facto, procurou a casa de Vale-Formoso onde pensara, e bem, que o criminoso tinha escondido o cadáver.

Encontra o edificio, que estava para alugar, entra, e logo numa das paredes da sala de jantar lê estas palavras escritas a carvão:

«*Os meus cumprimentos ao Sr. Sherlock Holmes*»

O desconhecido criminoso lera também o referido anúncio que o detective deitara aos jornais! Esta «partida» espectacular feita a Holmes era prova do facto e de que tocara no criminoso.

Isto feito, Sherlock e o Dr. Watson, que o acompanhara à fúnebre casa do Vale-Formoso, regressam à sua da Rua do Calvário, onde a governanta os informa logo de entrada que alguém viera trazer uma mala grande, endereçada ao famoso polícia, cuja fechadura estava corrida. Holmes força a tampa com um pé de cabra e estupefactos deparam com um cadáver de mulher envolto em trapos sangrentos e, sobre ele, numa folha de papel almaço, estas palavras:

«*Oferece ao Sr. Sherlock Holmes e pede desculpa*»

Mais uma partida macabra do assassino. Holmes raciocina sobre tudo isto e garante ao Dr. Watson que estavam em presença de um maroto com vaidade pueril: «O homem é da escola de Arsène Lupin. São os seus mesmos processos, os seus bilhetinhos, as suas fanfarronadas. Fez mal, porque se compromete».

Depois, não menor o espanto do Director da Morgue quando Holmes lhe entrega o cadáver.

A inocência dos dois suspeitos presos era evidente, pois não podiam ter sido eles os autores da espectacular devolução da morta ao detective inglês.

Holmes, por outro lado, após minucioso exame do cadáver, mormente da dentadura respectiva, colheu nos registos de dentistas do Porto informações seguras acerca da assassinada, que num deles se tratara recentemente.

De posse de estes elementos, fácil lhe foi chegar até à pessoa do assassino, de quem também já descobrira, na casa do Vale Formoso, cartas e documentos, por ele assinados, que revelavam a sua paixão amorosa pela morta.

No Monte Pedral e na Morgue descobrira logo Holmes dois botões de metal, de uma farda de empregado de caminhos de ferro.

Todos estes indícios lhe revelaram nome e occupação do assassino, que com Watson e um Chefe da Polícia vai prender na estação de Campanhã, onde era factor dos Caminhos de Ferro.

Depois, é o próprio culpado quem conta todo o trama do crime, que Holmes desvendara.

O sujeito era um antigo actor de teatro, autor de outro crime de morte, leitor apaixonado de livros policiaes e do P.^o António Vieira, que Holmes também folheava, para, dizia, «neutralizar o efeito dos jornais» que lhe derrancavam a aprendizagem da lingua portuguesa!

Sherlock Holmes fizera mesmo, sobre este assunto, uma brilhante conferência no *Ateneu Commercial do Porto* acerca dos *Erros de tradução nos folhetins da imprensa diária!*

Enfim, o contista português Prof. João de Meira apresenta o protagonista desta tragédia como um desequilibrado, autor de abstruso romance do género de Arsénio Lupin, anormalmente suggestionado por tais leituras e pelos próprios papéis que representava, quando actor de teatro. Um crime de morte, que fizera em Matosinhos, obrigara-o a mudar de nome e profissão. A razão fundamental do furto do cadáver fora o facto de ter deixado, na ferida com que matara a

amante, parte da face que tinha gravadas inscrições facilmente reveladoras da sua identidade. Tudo o criminoso fizera para recuperar essa prova decisiva, descoberta por Holmes no cadáver e que a autópsia fatalmente descobriria!

Eis, o resumo do conto do Prof. João de Meira, Director «autêntico» da Morgue do Porto e Professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina desta cidade, nesse ano de 1912.

*

De si e por si, esta peça literária é, também, uma prova infosismável de quanto Meira lera e apreciara a obra de *Conan Doyle*, cujo nome, em anagrama, ele mesmo usou como autor do conto: *Donan Coyle*.

Com seus inevitáveis defeitos e insuficiências, este conto policial é, todavia, um dos primeiros escritos no nosso país e, por isso, merece ser registado na história deste género literário, tanto mais merecedor desse registo, quanto está demasiadamente esquecido.

Parece-nos, todavia, que merece mais alguma atenção esta estranha e singular figura de João de Meira. Pendulavam-se no seu inquieto, sôfrego espírito, duas antagonicas qualidades criadoras: a *imaginativa*, que o compelia a imitar estilos literários dos mais diversos autores, desde as cantigas de amigo de D. Dinís aos vilancetes de Cristóvão Falcão ou à opulenta prosa de Camilo.⁽⁵⁰⁾; ou a fazer actuar e falar as mais díspares personagens, nas mais díspares circunstâncias; e a outra qualidade bem manifesta nos seus estudos históricos: — dedução bem organizada, argumentação sólida, serenidade crítica e imparcialidade inabalável.

Mas é curioso notar que os temas das suas obras históricas são, em regra, revisionistas e correctivos, mercê de nova análise de provas, ou de original visão dos factos. No fundo, o mesmo estilo dedutivo, diríamos policial ou médico-legal que por temperamento e dever de officio tinha de utilizar.

Seja como for, a crítica severa de um Ramalho Ortigão, José Caldas ou Teófilo Braga não economizaram encômios às suas obras históricas.

Basta ler-vos o que da sua tese de formatura lhe disse Ramalho, tal como o colhemos na excelente biografia que de João de Meira nos deu o Prof. Hernani Monteiro:

— «Dou-lhe os meus sinceros parabéns pelos seus processos de estudo, que são perfeitos, e pelo seu método de escrever, tão rigorosamente científico e de exposição tão lúcida, tão saborosamente vernácula e tão documentalmente esclarecida». (51)

*

Julgamos que não nos perdoaríeis guardando só para nós as páginas do conto de João de Meira, de que temos aqui cópia completa.

Não podemos, certamente, lê-las de ponta a ponta. Vamos, apenas, apresentar-vos amostras das que nos parecem mais expressivas.

Começaremos por aquela em que Sherlock Holmes, anuindo ao pedido do Director da Morgue, o Dr. Nunes, e já disfarçado, fez uma primeira visita de exploração àquele departamento da Justiça:

«Quando chegamos à Morgue, o chefe Gaspar, encarregado das investigações, tinha partido atrás de uma pista. Era excelente ocasião para Holmes dispor as suas baterias.

Mal entramos, Sherlock Holmes lançou um olhar em torno da instalação e disse com pasmo:

— É isto a Morgue?

— É isto que vê, confirmou o dr. Nunes. Está admirado, sr. Holmes? As mais instantes solicitações para obtermos uma instalação condigna têm ficado sem resposta. (52)

Eu estava também pasmado. Aquilo que se convençionou chamar a Morgue do Porto encontra-se no rudimentar edifício da Escola Médica. Esta construção consta de dois corpos ligados por um passadiço. O corpo principal consta apenas de um rés-do-chão, e o anexo tem rés-do-chão e primeiro andar. Em razão da grande diferença de nível que há no terreno, do Carmo para a Praça do Duque de Beja, o rés-do-chão da parte voltada para o Carmo comunica no mesmo plano com o primeiro andar do anexo voltada para o Duque de Beja. Uma escada interior serve os dois pavimentos deste anexo e um passadiço liga entre si os dois pavilhões, afastados alguns metros um do outro. Os dois corpos do edifício encontram-se perfeitamente independentes de qualquer edificação em meio de um pequeno recinto isolado por grades do lado do Carmo, e

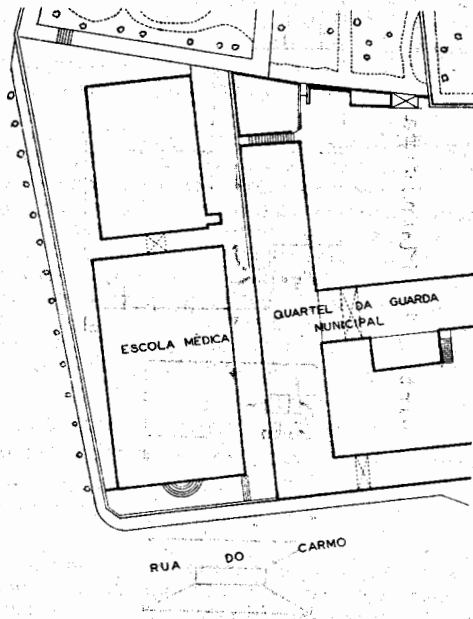


Fig. 5 — Planta da Escola Médica de 1912.

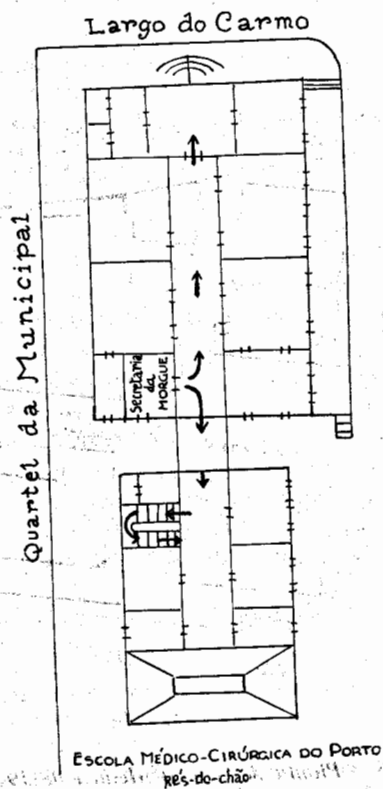


Fig. 6 — Planta da Escola Médica de 1912, com indicação das dependências onde estava instalada a Morgue, segundo croquis de João de Meira no Mundo Ilustrado de 1912, figura que ajuda a compreender o conto que aí publicou.

por um muro, em pontos de pequena altura, ao longo da Praça do Duque de Beja. Do lado oposto ao Carmo, uma depressão de alguns metros separa os terrenos da Escola Médica do Pica-deiro da Municipal, e do lado oposto ao Duque de Beja ergue-se o quartel da Municipal com uma fila de janelas a grande altura.

Tanto o corpo principal como o anexo, são divididos por um corredor central para o qual dão as portas das diferentes salas do edifício. Na última sala, à direita de quem entra pelo Carmo, instalou-se a secretaria da Morgue. É aí que o director despacha o expediente. A sala de autópsias acomodou-se, ao rés do chão, no espaço de poucos metros que separa os dois corpos do edifício.

Quem da secretaria da Morgue quiser dirigir-se para o exterior, pode, como se vê da planta que acompanha esta narrativa, tomar dois caminhos: seguir o corredor e sair pela porta que dá para o Carmo, (vd. fig. 6) ou atravessar o passadiço, descer a escada interior, passar no teatro anatómico da Escola ou na sala de autópsias da Morgue e sair pelo portão que se abre para o Duque de Beja. Quando as aulas da Escola Médica findam, a porta que volta para o Carmo fecha-se e fica apenas utilizável a comunicação inferior. Era por esta que o Director da Morgue ia sair, como de costume, quando o empregado foi oferecer-se para abrir a comunicação superior.»

Oiçamos, agora, outra página de Meira, ou Donan Coyle, quando o famoso detective resolve inspecionar a casa daquele de quem já suspeita fortemente, e leva a cabo o intento:

«—Desconheço-o, meu caro; nunca o vi tratar a um tempo dois problemas. É inteiramente fora dos seus hábitos. Ainda leva no começo o inquérito relativo ao cadáver desaparecido, e já inicia outro sobre uma criança doente e um cavalheiro loiro que usa lunetas pretas! E vejo que guarda segredo! Nada me tinha comunicado da sua nova investigação!

— Ah! sim? Não lho tinha comunicado? respondeu Holmes com um ar estranho. Foi esquecimento, Watson, simples esquecimento! Logo lhe contarei tudo. Por agora, vamos inspecionar esse 318 da rua do Vale Formoso. Venha Watson.

— Venha por aqui, Watson. Deste lado poderemos olhar a casa à vontade. Lá está ela: 318! É um prédio com escritos!

Sherlock Holmes atravessou a rua, leu num papel que a casa se alugava desde logo, e que a chave se encontrava numa taberna próxima.

Fomos lá.

— Poderemos ver a casa que se aluga?

— Sim senhor, respondeu a taberneira, a Maria das Meninas, uma criatura obesa que estava servindo dois pedreiros das obras do Bom Pastor. Mas talvez não convenha aos senhores.

Está muito velha. Há dois dias foi apalavrada. Tinha-se mesmo entregado a chave. Hoje veio contra-ordem do senhorio, e o inquieto saiu com um galego, que lhe levava uma mala. Não tinha trazido outros trastes.

— Vamos ver isso!

E enquanto a mulher procurava a chave no fundo da loja, Holmes murmurou ao meu ouvido:

— O pássaro é muito fino! Já não o apanhamos!

O prédio compunha-se de um rés-do-chão. Estava realmente velho. Inspecionamos demoradamente a sala da frente, o corredor de entrada, a alcova, a cozinha e a sala de jantar. Ao entrar nesta última, Sherlock Holmes estacou. Atrás dele, estava também. Sobre a parede caíada, mesmo em frente da porta, estava escrito a carvão, em letras de duas polegadas:

Os meus cumprimentos ao sr. Sherlock Holmes

— Que lhe dizia eu, Watson? O malandro é muito hábil; previu a minha visita e safou-se. Mas tem destas vaidades pueris. Porque isto é uma demonstração de vaidade...

E puxando de uma guia dos caminhos de ferro, pôs-se a confrontar-lhe a letra da inscrição, acrescentando:

— ... é uma criança comprometedora!

— Mas como soube ele que você o procurava?

— Pelo anúncio, Watson, pelo anúncio! Mas era o único meio expedito que tinha ao meu alcance. Percorrer todas as cocheiras, levar-me-ia alguns dias.

— Agora é vê-lo ir!

— Não. *J'ai d'autres tours dans mon sac.*

E saímos.»

«... Holmes parecia preocupado.

Watson, disse-me ele, será abusar da sua paciência pedir-lhe que me deixe só esta tarde? Nesta ocasião a presença de quem quer que seja perturba-me, tira-me a lucidez.

Ia pegar num livro, recolher ao meu gabinete, quando entrou Mistress Hudson, a nossa governante.

— Senhor Holmes, disse ela, está aí uma mala para o senhor. Veio logo que saíram. Mandei colocá-la no seu quarto.

— Quem a enviou?

— Não sei... não disseram... Também veio um sujeito perguntar pelo sr. Holmes.

— Quem era?

— Não disse.

— Talvez fosse o director da Morgue.

— Não senhor. Esse conheço eu. Este era mais novo, alto e loiro e usava lunetas pretas. Quando soube que o sr. Holmes não estava, mostrou-se contrariado.

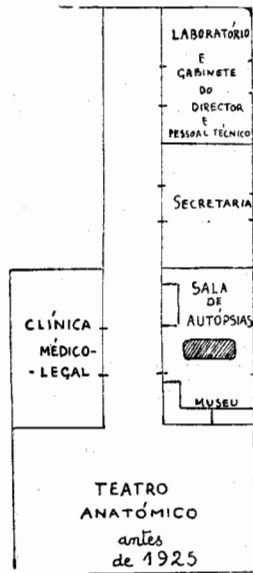
— Deveras?

— Disse que o ia procurar.

— Está bem.

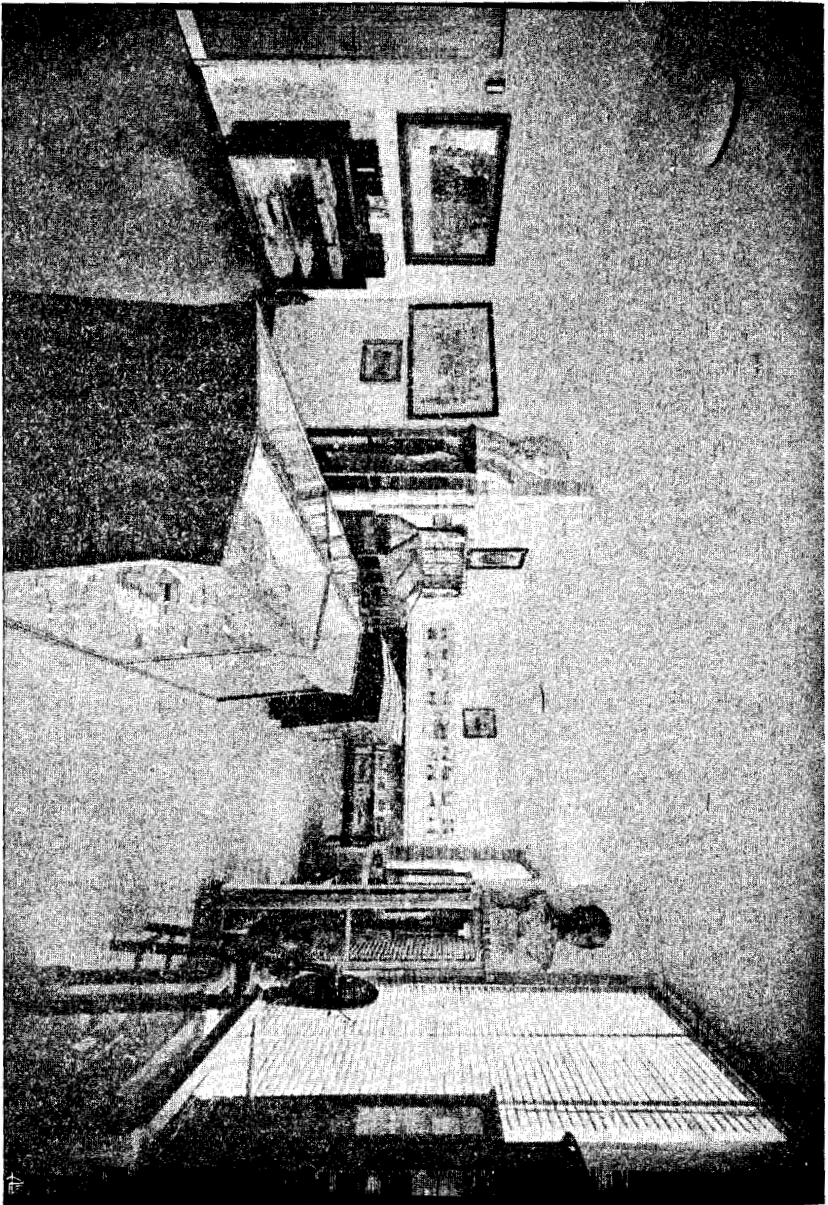
— Mistress Hudson retirou-se.

— Watson, disse Sherlock Holmes, já dentro do quarto e num tom de voz que denunciava certa emoção. Veja isto! Aproximei-me. A um canto do quarto estava uma mala comprida, de fabrico vulgar, recoberta de folheta estampada,



A MORGUE,
por 1925

Fig. 7 — Planta das dependências da Escola Médica pelos anos de 1925, em que funcionou a Morgue, correspondente à da figura anterior.



Pág. 8 — Museu de História da Medicina (Universidade do Porto) — Sala Prof. João de Meira (séc. XIX-XX).

com travessas de madeira. Era velha e tinha os cantos amolgados.

— Veja isto, repetiu-me Sherlock Holmes, apontando no soalho uma pequena nódoa húmida.

— Está molhado, disse eu.

— Está molhado, está molhado! repetiu Holmes, agachando-se e humedecendo um dedo, que em seguida me mostrou.

— Mas é sangue! exclamei.

— Sim, é sangue,olveu Holmes pegando num pé de cabra.

A mala era velha, mas a fechadura resistiu. Holmes praguejava, alagado em suor. O fecho saltou.

Erguemos a tampa.

Dentro estava um cadáver envolto em trapos sangrentos, e, sobre ele, num pedaço de alçaço, estas palavras:

Oferece ao snr. Sherlock Holmes e pede desculpa.

— Watson, depressa, dê volta à chave. Agora ajude-me a tirar o cadáver para cima deste cobertor. Muito bem... Precisamos de examiná-lo antes de o entregar à policia. Porque vai ser necessário meter a policia no caso! é uma arrelia... Ele ma pagará! O maroto junta à audácia uma vaidade pueril! Já lho disse em Vale Formoso, Watson, o homem é da escola de Arsène Lupin. São os seus mesmos processos, os seus biltinhos, as suas fanfarronadas. Faz mal, porque se compromete.»

*

Chegamos, enfim, ao termo desta palestra, esperando que tivesse justificado, perante o vosso juizo, aquilo que desejava mostrar: — que o Professor de Medicina Legal e historiador da Medicina Dr. João de Meira, como pioneiro do romance policial no nosso país, merece particular registo na respectiva História.

Passou, no ano pretérito, o I Centenário do Nascimento de Conan Doyle e de Sherlock Holmes. Tudo o que acabo de dizer estava destinado a, naquele próprio ano, participar na consagração que por toda a parte lhe foi prestada.

Motivos que não pudemos evitar impediram esta nossa modesta contribuição. Mas ela aqui fica, não só como preito de admiração pela figura médica do illustre escocês, mas pela sua personalidade moral e, em particular, pela sua original criação literária que, sem dúvida, é modelo de tantas outras inumeráveis obras que dela derivam.

Tem, pois, Conan Doyle o direito de figurar na própria História da Medicina, dentro desse já digno e amplo capítulo cujo título é paradoxal: *Os médicos fora da Medicina*.

Queremos dizer, os médicos nas Belas-Artes e nas Belas-Letras, embora nelas sempre marcadamente médicos. ⁽⁵³⁾

Fica aí bem, na verdade, junto dos médicos e músicos, Borodine e Rimski-Korsakoff; dos médicos poetas, Goldsmith, Schiller e Duhamel; dos médicos romancistas, Pio Baroja, Filipe Trigo ou Jean Delay; do médico criador do jornalismo periódico, Renaudot; e de tantos outros, para só aludir a estrangeiros.

Mortos sempre vivos, e *Estrangeiros* que são de todas as Pátrias!

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) Seguimos, na sua generalidade, a biografia do famoso médico inglês elaborada por John Dickson Carr, no livro *La vie de Sir Arthur Conan Doyle, traduit de l'anglais par André Algarron*. Paris, 1958. A propósito do Centenário do famoso romancista leia-se a interessante nota de Rosa Arciniega, *No centenário de Conan Doyle* («O Primeiro de Janeiro», 14-10-1959).

(2) Intitulados *In memoriam* e *Reincidência*, Porto, 1911.

(3) As *Morgues* foram criadas por Carta de Lei de 1899 (17 de Agosto), art.º 2.º. A portuense começou a sua actividade nos princípios de Dezembro daquele ano, com seu Conselho Médico-Legal, que se reuniu pela primeira vez em 16 daquele mês e ano. Procedeu à sua instalação o Prof. Lopes Martins. A Morgue ocupava, então, na Escola Médico-Cirúrgica, dois gabinetes, um Secretaria e Arquivo; outro, para os cadáveres. Na Secretaria ficava, ainda, a pequena Biblioteca e um Museu rudimentaríssimo (então só com 3 peças!) (vd. figs. 5, 6 e 7).

Na sala dos cadáveres (autópsias) havia os instrumentos destinados a estas; uma dupla caixa de zinco, com tampo de cristal, para a conservação fria dos corpos; vasos para vísceras; etc.

Isto nos conta, em 1901, Maximiano Lemos, o grande Historiador da Medicina e também Director da Morgue, que comenta:

«Vê-se quanto é sumária a instalação, e descrevendo-a a largos traços temos em vista deixar arquivado em que circunstâncias se acha hoje um ramo de serviço que certamente em pouco tempo será melhorado».

João de Meira, quando Director da Morgue e Professor interino de Medicina Legal, por 1912, escreveu o conto *O Cadáver que se evade*. Em sua *Oração de sapiência* (1913) o ilustre Mestre refere-se ao serviço que dirigia, e que pouco mais amplo era do que o descrito por Maximiano. À sua frente esteve Meira desde 11 de Novembro de 1911 até Fevereiro de 1913 e nele fez decorrer o episódio que é tema do seu estranho conto. Outras indicações sobre o que Meira escreveu acerca da Morgue podem ler-se no opúsculo de Lourenço Gomes, *Instituto de Medicina Legal* (Porto, 1925).

Vid. Maximiano Lemos as notas que escreveu sobre a Morgue na *Gazeta médica do Porto* (1901 e 1902, pg. 271-275 e 248-253).

(4) Vid. nota (2).

(5) O Prof. João de Meira foi proposto para a cadeira de História da Medicina em 22 de Novembro de 1911 (Actas do Conselho Escolar). Evoca-se o seu ilustre nome na designação de uma das Salas do Museu de História da Medicina da Universidade do Porto, que acabamos de instalar em Dezembro do ano

passado e que temos a honra de dirigir. A referida sala é dedicada aos séculos XIX e XX e está representada na figura 8.

(6) P. Montagné. *Manuel du «Connaitre philosophique. I. Psychologie.* Paris, 1959. Pág. 337.

(7) Luís Guerrero. *Psicologia.* Buenos-Aires, 1954. Pág. 85.

(8) Id., Id.

(9) Antoine Porot. *Manual alphabétique de Psychiatrie clinique et thérapeutique.* Paris, 1960. Págs. 282-283.

(10) Armand-Jean Caulliez. *O filme policial.* Trad. portug., s. d. Lisboa.

(11) Jean-C. Filloux. *L'inconscient.* Paris, 1960. Pág. 115. Estudamos já, neste ponto de vista psicanalítico, algumas das nossas figuras mais representativas:

— *Pecado, culpa e angústia na cena Gil-vicentina.* «Guimarães e Gil Vicente», 1958, Guimarães.

— *O Céu e a Terra na vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.* «Revista de Guimarães», LXVI. 1956, Guimarães.

— *Garrett e o Romancero.* «Ministério da Educação Nacional. Comemoração do primeiro Centenário do Visconde de Almeida Garrett». 1854-1954. Lisboa.

— *S. Francisco Xavier na lição psicológica do Padre António Vieira.* «Revista de Guimarães». LXIV. 1954, Guimarães.

(12) Id., Id., Pág. 118.

(13) L. Szondi. *Diagnostic expérimentale des pulsions.* Paris, 1952.

(14) Juan Zaragüeta. *Vocabulário filosófico.* Madrid, 1955.

(15) Feliciano Ramos. *História da Literatura Portuguesa.* Braga, 1956.

(16) Jacinto do Prado Coelho. *Dicionário das Literaturas portuguesa, galega e brasileira.* Porto. Pág. 153-154.

(17) Vid. o nosso estudo, em publicação na *Ed. Panorama. Temas culturais.* 9, do Secretariado Nacional de Informação, sob o título *Medicina e Letras: Uma secular escola portuense.*

(18) Feliciano Ramos. Ob. cit. Pág. 460.

(19) Prado Coelho, Ob. cit. Pág. 672.

(20) Está demonstrado o perigo moral e social de tais obras. Os Tratados e outras obras sobre Delinquência infantil estão cheios de argumentos. Merece atenção especial o estudo de L. Bovet, *Les aspects psychiatriques de la délinquance juvénile*, publicado pela «Organisation Mondiale de la Santé», Genebra, 1951. Leia-se, entre tantos outros, os artigos de G. Ploquin, *Savez-vous ce que lisent vos enfants?* («Ecclesia», Dez. 1959. Paris) e de Noël Bayon, *La Littérature enfantine. Ses erreurs et sa mission. Une grande enquête de...* (Id. Fev.º, 1952).

(21) Cândido Mota Filho. *O romance policial.* «Investigações». N.º 18-II. S. Paulo, 1950.

(22) Jacques Rivière. Cit. por Neto Filho, ob. cit.

(23) Claude-Edmonde Magny. *Le roman policier ou la catharsis de l'absurde.* «Confluences. Revue de l'actualité littéraire», N.º 34, 1944, Paris.

(24) V. g. in Porot, ob. cit. A catarse é elemento primordial na terapêutica freudiana psicanalítica.

(25) Magny. Ob. cit.

(26) Artur Leite de Barros Júnior. *Psicanálise no romance policial*. «Investigações», N.º 7-1949. S. Paulo.

(27) Elaborada no meu serviço, sob minha orientação, defendeu uma tese sobre o assunto o estagiário Leopoldo Morais, trabalho que intitulou *Tentativa de interpretação médico-psicológica (Fernando Pessoa)*. 1959, Porto.

(28) Artur Leite de Barros J.º. *Ainda o romance policial*. «Investigações», n.º 9. 1949. S. Paulo. Pág. 12; e, na mesma revista (n.º 15, 1950) *Sir Arthur Conan Doyle*.

(29) Houang Kia Tcheng. *Le Roman policier*. «Confluences», 21-24. Ob. cit.. 1943.

— J.-M.-A. Paroutaud. *Roman populaire et policier*. Id., Id.

(30) Sem qualquer intenção deste género Camilo Castelo Branco dá-nos um exemplo pioneiro com o seu livro *Memórias do cárcere*.

(31) Pede atenção particular o valioso conspecto do Prof. Valdejo Nágera sobre *Literatura y Psiquiatria*. Barcelona, 1950.

Vid. Luís de Pina, *Cisneros, Cervantes e Alcalá de Henares*. «Studium Generale». III n.º 2. 1956, Porto.

(32) A propósito deste ponto histórico vd. o nosso livro *Dactiloscopia (Identificação-Polícia científica)*. Lisboa, 1938.

(33) Paul Montel, in *Enquête sobre Aspects et situations de la méthode scientifique*. «La table ronde», n.º 134. Fev. 1959. Paris. Pág. 150.

(34) A tal respeito escreve na sua *História de la Medicina* (edição espanhola, 1947, Barcelona), o Prof. Douglas Guthrie (pg. 282): «Benjamín Bell fué antepasado del doctor Joseph Bell (1837-1911), también famoso cirujano, todavía más célebre cuando Conan Doyle, uno de sus discípulos, le retrató en la figura de Sherlock Holmes».

O inseparável companheiro de Sherlock, Dr. Watson, tem sua história também. Vid. por exemplo, o que se escreveu na revista americana *M. D.*, secção *Medicine in Arts* (vol. 1, n.º 7, Julho, 1957, N. Iorca), dirigida pelo Professor de História da Medicina na Faculdade de Medicina deste cidade Dr. Felix Martín-Ibañez. É desse artigo que se reproduzem, com a nossa homenagem, as figuras 1 e 2.

(35) Vide a tal respeito os capítulos sobre a *imaginação criadora* de Foulquié, *Psychologie* (Paris, 1959), pg. 119 e seg. e de Vergez e Huisman, *Psychologie* (Paris, 1959), pg. 193 e seg.

(36) Edmond Locard. *Policiers de roman et de laboratoire*. Paris, 1924.

(37) Id. Id. Pág. 97.

(38) Edmond Locard. *Traité de Criminalistique*. Lião, 1931. Vol. I (21, 29) e II (521, 637, 803).

(39) Miguel Cruz Hernandez. *Lecciones de Psicología orientadas para médicos*. Madrid, 1960. Pág. 424-425.

(40) Vergez e Huisman. Ob. cit. «Créer c'est en effet faire surgir quelque chose inédite, d'imprévisible. Expliquer c'est, comme le voulait Émile Meyerson, «identifier», autrement dit, ramener l'inconnu au connu, l'étrange au familier, le nouveau à l'ancien». Pág. 193.

(41) Id. Id. Pág. 188.

(42) Cândido Mota Filho. Ob. cit. Pág. 9. Vid. ainda, de Narcejac, *L'art du roman policier*, «Digeste catholique», V. 1950. N.º 4. Bourges; de G. Rath, *Arthur Conan Doyle*, «Simposium Ciba», 6. N.º 4. 1958.

(43) Uma das colecções é *Mestres do conto policial*. 1.ª série. Lisboa. S. d. Selecção e prefácio de João Gaspar Simões. As 20 regras de Van Dine encontram-se na colectânea *Magazine* (1951-1952). François Fosca, na *Histoire et Technique du Roman policier* (cit. por Leite de Barros, vid. nota 28), assim classifica os agentes primaciais dos romances daquela espécie:

- 1) *Intuitivos*—tais os de Poirot, de Agatha Christie ou Hanaud, de Mason; Carrados, de Bramah ou o Padre Brown, de Chesterton.
- 2) *Científicos*—tais o Dr. Thorndyke, de Freeman; ou o Priestley, de Rhode.
- 3) *Realistas*—o inspector French, de Crofts; ou os polícias de Fielding.
- 4) *Brilhantes amadores*—assim o Philo Vance, de Van Dine; o Lord Peter de Sayers; e outros. Sem falar de detectives femininos, como a Lady Molly, da Baroneza Orczy; a Miss Marple, de Agatha Christie; etc.

(Leite de Barros Júnior in *O romance policial*, «Investigações», ob. cit. n.º 1). Este escritor classifica tal espécie literária em *thriller* (arripante, terrífico); *realista* (psicológico, narrativo, de solução inesperada e aceitável) e *fantasista* (raciocínios subteis, paradoxais).

(44) Alcântara Silveira. *Estética do romance policial*. «Investigações», n.º 7. 1949, S. Paulo. «Uma tese interessante que Narcejac não estudou em seu livro é a indagação do por que da existência de tantas mulheres que se dedicam ao género policial, ao ponto de Dorothy Sayeres ... ter assinalado que no princípio do século XIX, mrs. Henry Woode já escrevia histórias onde entrava o crime. E se isto acontecia em Inglaterra, em plena era vitoriana, também nos Estados Unidos em 1883 surgia «The Leavenworth Case», escrito por Ann Catherine Green.

De onde se conclui que o «policial» é um dos géneros literários mais preferidos (sic) pelas mulheres desde há muito tempo». Pág. 45. O mesmo autor, Alcântara Silveira, no artigo *Sobre o romance policial* («Investigações», n.º 25. S. Paulo, 1951) repara que é «incrível que aqui no Brasil, em que abundam os leitores desses romances, não tenha aparecido um escritor policial».

(45) João Gaspar Simões, ob. cit. em *Mestres do conto policial*. Vid. de Raimundo de Meneses como nasceu «O mistério da Estrada de Sintra». «Investigações», ob. cit. n.º 32. 1951. Pág. 29 e seg.

(46) Sobre a História do Romance policial ou, melhor, criminal, no nosso país leia-se na *História da Literatura Portuguesa Ilustrada* (vol. IV, pág. 258 e segs.), o artigo de Gomes Monteiro, *XXIII—O Romance policial*, de onde se extraem estas notas.

(47) Gomes Monteiro, ob. cit.

(48) O estranho psiquismo do eminentíssimo poeta quadrava-se a tais lucubrações de carácter misterioso, mágico e sobrenatural. Deve-se-lhe uma tradução interessantíssima do *Corvo*, que escrevera o patriarca do conto policial E. Poë. E entre os seus inéditos figuravam, há cerca de 10 anos, peças deste género, como *Quaresma, decifrador; O pergaminho roubado; O caso Vargas; O Roubo da Rua dos Capelistas; O caso da janela estreita*. (Seg. «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», T. XXI, 483).

(49) Deve-se ao Prof. Hernâni Monteiro a mais actual das biografias completas de João de Meira («Suplemento» ao *Ensino Médico no Porto*, de Maximiano Lemos, 1925, Porto).

Esta *Revista de Guimarães*, no seu número de Julho de 1921 (fasc. 3.º) dedicou parte das suas páginas à memória do ilustre vimaranense, subscritas por Domingos Leite de Castro, Costa Freitas, Joaquim Costa, J. Pires de Lima, Pedro Vitorino e Maximiano Lemos. A nota biográfica deste último é fundamental para o conhecimento da vida e obra de João de Meira. Vid., ainda, os *Echos de Guimarães* (n.º 202, 10 de Março de 1918), dedicados a João de Meira.

(50) O Prof. Joel Serrão, além do que sobre João de Meira escreveu em volume sobre Cesário Verde, deu-nos uma crítica sobre o facto do ilustre médico ter imitado o soneto *A Loira*, daquele poeta (in «A República», com o título «O falsário João de Meira»).

(51) Vd. nota (49).

(52) Referência ao assunto que registamos na nota (3).

(53) Vd. nota (17).